

CORES

ALEXANDRE SOARES

NICO MATENSE

(LEANDRO RODRIGUES GUEDES)

LETRARIA | 2016

CORES

PROJETO EDITORIAL

Letraria

CAPA

Letraria

REVISÃO

Leandro Rodrigues Guedes

AUTOR

Leandro Rodrigues Guedes

GUEDES, Leandro Rodrigues

ISBN: 978-85-69395-08-9

Cores | GUEDES, Leandro Rodrigues | Araraquara: Letraria,
2016.

77p. 700 x 1024 pxls.

1. Poesia. 2. Literatura.

SUMÁRIO

POESIA COMO RAZÃO PARA SE VIVER	06
PRISCILA MELO MERENCIANO	
ALEXANDRE SOARES	
TRABALHO	
TRABALHAR EM FÁBRICA	09
HOJE	10
SONETO PARA UMA MÁQUINA	11
O COMPLEXO SISTEMA GLOBAL	12
QUEM DIGNIFICA QUEM?	13
ROBÔ	14
MERCADORIAS	
TEM MAIS DO QUE VALE	16
DEVERIAM PAGAR PELA MINHA EXISTÊNCIA	17
VAI-VEM	19
HUMANIDADE	
O SER SEMI-HUMANO	21
OS HOMENS MAUS	22
RIU	24
ENGANO	25
O CLAMOR DOS SÉCULOS	26
TEMPO	
TÉDIO	28
SONETO DO TEMPO	29
LETRAS	
PALAVRAS E MAIS PALAVRAS	31
PALAVRAS SOLTAS	32
LENDO ALBERTO CAEIRO	33
AO RUMO DO NADA	34
O QUE DEIXAR ESCRITO PARA A ETERNIDADE?	36
MEU EU-POÉTICO	38
SOLIDÃO	
OS IRMÃOS NA SOLIDÃO	40
O INEFÁVEL PARADOXO DE EXISTIR	42

CORES	43
BANALIDADES	44
COMPLEXO DE SENTIDO	45
DEPOIS DE TODO O CANSAÇO DE EXISTIR	46
O COISA	47
A MORTE	48

NICO MATENSE

NATUREZA

O BEIJA-FLOR E A BORBOLETA	50
FOLHAS	51
A MAIS BELA FLOR DO JARDIM	52
DEPOIS QUE EU VIM DE LÁ	53
POR UM DIA	54

FELICIDADE

CADÊ O MEU POVO?	56
FELICIDADE	57
O BEM VIVER SE BASEIA NA NATUREZA	58
NA MINHA BAGAGEM	59

POEMA

CONVERSAS DE MANHÃ DE DOMINGO	61
EXPLICAÇÃO PRECISA	62
DESEJOS	63
RELEITURA	64
A VIDA	65
O AMANHÃ	66
O COMPLEXO DE EXISTIR COMO SER NATURAL	67
POESIA	68

SIMPLICIDADE

O QUE IMPORTOU NO DIA	70
ROSAS E RELVAS	71
INSTANTE	72

DEUS

O PODER DA FÉ NO CELESTIAL	74
CALMO E SERENO	75
PRECE A DEUS	76

SOBRE O AUTOR

mostrar a vitalidade da natureza que nos chama para o cumprimento de nosso destino
determinado nesta terra.

Já Nico Matense é mais filosófico, a natureza é sua fonte de inspiração. Por meio da observação do ciclo da vida, o poeta nos traz sua reflexão sobre a transitoriedade da existência e a necessidade de busca da felicidade, que para ele encontra-se na conjugação com as coisas simples. Observa-se a personificação dos elementos da natureza como animais, insetos e plantas. O poeta encontra-se em uma busca pela essência que, para ele, existe na simplicidade do observar de uma tarde, na vida do sertão: “Oh... felicidade!

Há muito que descobri que existes e que moras longes. Mora longe, lá no sertão.”

Há certa melancolia na poesia de Nico, um saudosismo dos tempos de infância, da pescaria, da vida junto à natureza. O fazer poético é também tema de reflexão na poesia de Nico; para o poeta a poesia possui vida: “as letras dançam e falam entre si”. A poesia é aquela que por meio dos seus versos “nos toca a alma e o coração”.

Outro aspecto interessante na obra de Nico é a religiosidade. Para o poeta, a fé é a esperança do mundo e a natureza, obra de Deus.

Convido o leitor a se deliciar nas páginas seguintes, a ir ao encontro de sua essência, a descobrir-se nos versos de Alexandre e Nico, a revoltar-se com o que o mundo e sua velocidade têm nos feito e, a seguir, descobrir a felicidade no contemplar de uma tarde, em uma casinha no sertão.

Priscila Melo Merenciano

TRABALHO

Alexandre Soares

Que são vítimas a todo segundo de guerras e flagelos em meio a tanta beleza e
encantos

E eu mesmo deveria ter vergonha de mim, pois sou fraco nas manifestações nacionais
Sou levado pelos outros como desertor e o que me sobra é apenas o lixo dos resquícios
de humanidade

Mas... eu tenho fé, porque vendo cada dia novas crianças nascendo com alegria nos
olhos

Vejo a esperança de que amanhã quem sabe o meu torrão de anil será mais justo
Será educador, será de fato nação de homens e mulheres virtuosos e iguais entre si por
séculos e séculos.

HUMANIDADE

Alexandre Soares

O SER SEMI-HUMANO

Por que será que vejo muitos como hipócritas?
O que será que os fazem tão estrelas do mundo
Mas sendo apenas vermes de suas existências
Porque se corrompem com falsos sorrisos
Quando ao certo são máquinas mortíferas de mentiras
Porque se prestam a estarem entre “amigos”
Se na verdade não são companheiros de ninguém
O que são afinal? Indago eu ao universo
Mas o universo não sabe, nem Nietzsche saberia
Porque se soubessem ambos se enforcariam
No cume da existência fúnebre do caos mundial
Para não verem a desgraça que são os seres semi-humanos.

Defloradores de sonhos e vidas em prol apenas de riqueza?

O que será que existe em suas mentes tão vagas

Que lhes fazem ser satânicos e irreputáveis

Por que será que são cavernas humanas e tão escuras

Se são “brancos de pele lisa e olhos claros e azuis?”

Que homens são esses que se cobriram de luto eterno

Apenas para enriquecer seus bolsos com frutos de pecado

Porque evoluíram tanto em suas tecnologias obscenas

Mas cada vez mais são impuros, mentirosos, galantes

O que fazer com esses hipócritas... qual a solução?

Somente Deus pode dizer ao fim do Apocalipse

Que ele realmente diga e possa agir porque estamos no fim

Estamos cansados de tanto sermos explorados

Por eles, os homens brancos que evoluíram cada vez mais para o mal

Pois a árvore genealógica da vida está sempre em progresso

E eis que ainda existem para o sofrer quase eterno do universo

Mas que se consumem no fim, fim proposto por Deus, Deus.

O CLAMOR DOS SÉCULOS

Coloquei-me a pensar no mundo neste instante
Lamento os rabiscos que fiz, mas sei que preciso
Neste momento, um ressonar de choro de criança
Pobre e nua neste frio que faz me deixa sem sono
Há mães em desespero que também me tocam o coração
Porque sem lar e quase sem vida
Suas dores são mais geladas que este frio que sinto agora
Como será que seria se não fosse se não tivesse sido
Aquele filho lá sem mãe chorando na noite
Aquela mãe sem paz, sem ser, chorando no mundo
Poderiam estar juntos como dois humanos se abraçando
Porém, a guerra de vingança e ódio por falta de amor
Separa os dois, desampara a vida, divide o continente
Decaem as lágrimas que ficam no lugar dos sorrisos
Enfastia as almas a sofrerem semelhantes dores
De Cristo e Maria na hora extrema, na hora da morte
Mas aqui a morte é em vida, e o castigo também
Apenas porque segundo os críticos estadistas
Somos de raça humana e não de seres humanos
Basta! Estou farto é de semi-homens
Quero ver gente, quero ter gente, quero o amor, paz, paz
Será que peço demais, Deus?

TÉDIO

Ah... eis um ser em estado melancólico
Nesse instante em que quase todos estão a envaidecer-se
De glórias e triunfos do belo dia findado
Eu e minha existência unânime e secular
Aparento-me apertado, com o peito soprando
A mencionar dizeres contra os egos do mundo
Mas... mas nada e ninguém vê o meu caos
O meu mundo escuro, abafado, pálido, cru
E agora? O agora, o medo, o vazio, o sono, o tédio, o tédio.

LETRAS

Alexandre Soares

PALAVRAS E MAIS PALAVRAS

Veio na mente a cor amarela, preta e branca

O que será que não posso ver mais?

Se fecho os olhos a mente dispara

Se os abro o que é a realidade nua?

Na mente divagações me precipitam a um penhasco

Estou só em mim, não sei como parar isto

Todos estão dormindo e um vento gélido invade meus pelos

Quem poderá a mim me socorrer se não palavras

Elas sim, pois as transcrevo para me libertar de mim mesmo

Nesta noite quase calma, de silêncio e tenaz assovio do nada.

PALAVRAS SOLTAS

Tenho em minha mente palavras soltas, ao revés

Junto lama com cais, barco com rato

Dinheiro com cama, gato com casa, sei lá...

Divago meu eu em consoantes arranjos levianos

Mas o que vem à mente preciso transferir ao papel

Pois aqui e agora receio mesmo o que posso fazer

E se pensar faz-nos seres mais medíocres do que somos

Como resgatar o depois se o agora já se perde

Por ondas de cais retumbantes que soam ao luar

Onde barcos invadidos de ratos encalham na lama

E camas cobertas de dinheiro são menos

Menos importantes que um gato em casa a dormir.

AO RUMO DO NADA

Os barulhos do mundo me calam
Porque são tantos e o que eu gritar
Ninguém vai conseguir me ouvir, pois
Pois os fones de ouvido taparam os cérebros
Que já vazios de massa cefálica e de conteúdos
Parecem derreter-se do sol abrasador dos dias

Os jornais lançam notícias às cegas
As pessoas os leem por não saberem opinar
Então aceitam a primeira bestialidade do dia
Como um refúgio de seu ego vazio interior
Preenchido por lacunas com imagens e palavras
De verdades inexatas feitas para submissão de dados

O trabalho prolifera o egoísmo intrínseco
Baseado em troca de tempo por míseras cédulas
Com rostos de homens que nunca conhecemos
Cortados pela cabeça, assim como a nossa será
Diante do uso excessivo de nosso pouco tempo
Em busca de algo que nunca se sabe o que é

O QUE DEIXAR ESCRITO PARA A ETERNIDADE?

O que deixar por escrito para a eternidade? Não sei.
Deixarei talvez para os que ainda vierem depois de minha existência,
Que não tive em quê ou quem acreditar neste mundo
Que não houve filosofia exata para guiar meus passos
Que a única evasiva foi o alheamento integral.
Gostaria sim de me esquecer de tudo o que sou e me tornei
Esquecer-me completamente de mim e deste estranho universo
Regido por príncipes e leis desumanas
Visto que as verdadeiras confissões só podem ser escritas com lágrimas
Como já afirmara o mestre Cioram
Mas o meu pranto de dor gelou o paradoxo global
Assim como o meu fogo interior abrasou-o totalmente
Não precisei de apoio, não precisei de encorajamento e nem de piedade
Pois, embora eu tenha sido um ser decadente e sozinho
Sempre me senti ávido, disposto e com intenção de lutar
Mas o meu cansaço foi maior que a vontade de agir
Fui de fato um dos únicos homens a viverem sem expectativas de futuro
E isso era o cúmulo da valentia para alguns fracos
Mas para mim apenas o resultado de um fracassado
Que fazia versos inúteis para vermes poderem ler
Para não ser mais nada, nada
Para escapar do espírito e da consciência

MEU EU-POÉTICO

O meu eu me chamou, me balançou
Me jogou na cara que eu precisava sair de mim
Eu saí, e não gostei do que vi
Observei que sou mentiroso quando finjo dizer a verdade
Sou banal quando escrevo e o pior
Às vezes não acredito em minhas próprias palavras
Quando vi o revés de mim mesmo
Eu chorei

O meu corpo pedia que eu voltasse
Mas envergonhado eu fugi
E agora escrevo essas linhas tortas
Escondido de mim embaixo de um pau seco
Enquanto meu corpo caminha robótico por aí.

SOLIPÃO

Alexandre Soares

OS IRMÃOS NA SOLIDÃO

E eis que mais uma vez estou só, somente
Em um mundo com bilhões de pessoas, estou só
Em um país repleto de árvores e flores
De objetos e máquinas estou cada vez mais só

Essa solidão que sinto não chega a me apavorar
Mas ela é cruel com seu som sonante de solidão assobiada

E sou só, e vivo só, do meu lado escuro interior
Que repousa em desejos cansados de gritos uivantes
No entanto, como são íntimos ninguém os ouve
Ninguém os escuta
Até mesmo porque se os escutassem
O que fariam por mim os meus irmãos?

Ah... quase nada... ou nada, simplesmente nada

Já não sei por onde andar, o que fazer irmãos?
Já não encontro pessoas que me digam bom dia
Que olhando em olhos estranhos me falem “Bom dia”
Mas não devo negar também eu já não falo mais a estranhos

O que mais encontro são seres fantasmagóricos
Apressados, estressados, raivosos como cães assassinos
Na correria para o trabalho, para a velocidade da vida
Que acredito que assim como eu estão sós
Por mais que estejam rodeados de amigos e vizinhos
Lá no fundo, eles estão em total solidão
Até mesmo porque seus sorrisos já não são expostos com brilho
Mas sim receosos de mostrar os dentes
Fingindo a cada dia que são vitoriosos, bons
Mas o patético sistema global os fez sombrios e viris
E sendo sós como eu sou, nada significam uns para os outros
E eis o mundo dos fracos, dos vencidos pelo sistema
Dos analfabetos de sede e justiça
No entanto filósofos do engano, do descaso
São sábios!? São apenas medíocres
A fim de serem homens humanos
Mas no fim são apenas tolos, covardes
E desses eu lidero a infinita fila.

O INEFÁVEL PARADOXO DE EXISTIR

Neste silêncio que vivencio consigo escrever alguns rabiscos
São muito poucos eu sei, no entanto, são suficientes para ver o meu eu
Ao rever as entrelinhas que escrevo percebo minha fragilidade
Pois é nelas que vejo o íntimo que vive em mim e quer sair
Mas pelos interfúgios do destino preservam-se em minha mente
Essa busca de gritar de gritar ao mundo o quão caótico é ser humano
Essa busca inefável de encontrar um ser em Paz em meio à guerra
E se o encontrar o que lhe pedir como instrução de vida
Acredito que quase nada, pois seremos dois nada a se comunicarem
Visto que o cadafalso do universo já foi usado em nossas cabeças
E pensamos apenas por dedução de significados
E a verdade da vida é muito ambígua
E não ser nada está destinado
A todos os seres semi-humanos do universo.

FOLHAS

Para um observador da natureza lhe basta uma folha
Porque nessa única folha está tudo, toda uma história
Foi uma semente que virou plantinha, que por fim cresceu
E eis uma árvore, que deu folhas, muitas folhas
Que deu uma infinita quantidade de frutos ao longo do tempo
E de maneira similar a vivência humana
Que traz a morte como fim existencial terrestre
As folhas caíram esverdeadas meio amareladas
E murchas, secas, já no fim de suas vidas
Deixam mais fértil o solo da floresta do mundo
E então eis que chega o observador, que vendo uma folha
Traduz com precisão exata toda a sua existência
Os seus tempos de joviais, assoprando aos ventos
Cobrindo a terra mansa com sua sombra fresca e calma
Dando pousada para pássaros, animais e insetos
Em sua alegria primaveril, de exuberância e vitalidade
E o observador de repente sente um aperto em seu coração
Lamenta o tempo perdido apenas com o ineficaz
E ao ouvir no topo de uma árvore um pássaro cantando
A vida rejuvenesce, o tempo retorna firme e forte
Tudo apenas por uma folha de árvore caída no chão.

DEPOIS QUE EU VIM DE LÁ

Depois que eu vim de lá, nessas vindas para cá senti o que é a tal saudade
Comecei a desvendar, o que é se alembrar auroras de uma certa verdade
Lembrando a garoinha, fria, fininha, que me acordava e chamava a levantar
O sabiá mais tarde na laranjeira, a mãe abandonando a peneira, soprando café para
torrar
O cheiro de flor lá do cafezal, ainda tinha o arrozal, a natureza de todo o nosso sertão
Ainda hoje eu bem me lembro, de janeiro a dezembro, bate em mim recordação
Quando ainda menino, gentileza, humildade e destino, saudavam a minha mocidade
Tempinho de criança, paz, saúde e esperança, temas de tantas realidades
Com o sol já raiando, eu às vezes saía cantando, por um estreito carreador
Meu pai ali do lado, "meu herói, meu amado", prá roça a ouvir a fogo apagou
Os passarinhos, ah... invernados nos ninhos, se passaram com o tempo
Agora entre barrancos, às vezes aos trancos vou perdendo esses momentos
Mansos regatos lá da serra, cheiro de mato e de terra que um dia alegrou meu viver
Paisagens, céu de meu rincão, estás sempre em meu coração, para sempre até eu morrer.

FEICIDADE

Nico Matense

A VIDA

A vida é bem mais do que um simples bom dia
A vida, a vida é muito maior perante as conquistas humanas
A vida requer pulsação a todo instante e paz interior
Somente os sábios vivem a vida intensamente
Somente os inteligentes podem calcular sua história
Mas somente os loucos sabem que a vida representa o existir
E existir vai além de perambularmos pelas ruas
Dizendo a tantos quanto encontrarmos que a vida não presta
Que a vida não nos dá chances para vencermos, sermos felizes
Mas... olhem para as formiguinhas, olhem
Elas não são um bom exemplo de vida?
Olhem e vejam que as formigas perante nós seres humanos
São pontinhos diante de gigantes atormentados e infelizes
Gigantes covardes, reles e vis em busca apenas de conquistas
Sejamos loucos eu peço, pois loucos somos nós mesmos
E sendo loucos somos da natureza, da paz e da felicidade.

POESIA

A melhor poesia não existe, poesia é sempre bom
Decidir entre essa e aquela é epifania
O melhor mesmo é sentir é ser poesia
O mais acalentador é gostoso
É ler uma poesia embaixo de uma árvore
As letras dançam, se cumprimentam, falam entre si
Os versos nos tocam a alma e o coração
E o leitor, bom, esse se torna encantado
Fisga cada verso como se fosse um peixe no anzol
Os leva para si, para a vida toda
Eis a poesia, a melhor amiga quando se busca encontrar uma
Eis a paz de uma poesia
A alegria clara de viver a vida.

SIMPLICIDADE

Nico Matense

O QUE IMPORTOU NO DIA

Pelo sentimento resgatei novamente um pé de manga-abacaxi

Um pé de jabuticaba e alguns de laranjeiras

Mas o que mais me deixou feliz foi um João-de-barro

Que catava comida para seus filhotes embaixo de um chuchuzeiro

Não existe cena mais carinhosa que um pai cuidadoso

O marronzinho era todo alegria por achar o que levar para os filhos

E o meu dia enfim foi real e não apenas lembrança

Eu ganhei o meu dia, a minha paz, nesse dia eu venci

Pois estive com a natureza e eu não precisava de outra coisa.

ROSAS E RELVAS

As rosas nunca falaram, são quietas e silenciosas

Mas então, o que nos atrai tanto nelas?

Serão suas cores ou seus esplendores com o sol da manhã

Serão os seus charmes quando o orvalho finda

Quando a colcha azulada leva a Lua irmã

E traz o irmão Sol como companhia para um novo dia.

O que as relvas nos trazem à mente com a brisa mansa do campo

Por que os pássaros são tão irmãos no amanhecer da aurora?

O que faz com que as manhãs sejam tão belas?

O que falta a nós seres humanos inteligentes que sobra aos pássaros

Essa contemplação não deveria ser apenas no papel, mas no plano real

Pois rosas e relvas estão silenciosas, mas alegres de viverem a vida.

DEUS

Nico Matense

O PODER DA FÉ NO CELESTIAL

Quando precisares de ajuda nunca hesites em pedir
Há um Deus maior do que tudo que poderá lhe socorrer
Se procurares entre os homens (físicos) e não encontrares ajuda
Procure entre os homens (espirituais) e acharás a tua força
Se creres de corpo, alma e coração verás que existem pessoas ao teu lado
E verás muito mais, verás a glória de Deus estendida sobre ti
Se Jesus Cristo amou aos seus semelhantes como irmãos
E apagou a indiferença com gestos de carinho para com seus inimigos
O que mais podemos esperar do Deus Todo Poderoso, para com seus filhos e filhas?

Acredite pois em Jesus Cristo, acredite pois em Deus
A esperança do mundo está presente nos dois a cada dia
E espera, espera pois no Senhor e receberás.

CALMO E SERENO

Olhando para a natureza me redescubro

Observando o verde em torno de mim

Me sinto calmo e sereno

Para os desafios de cada dia nesta terra

Oh! Bela natureza que me acompanhas

Obrigado por existires

Muito obrigado Deus, por tê-la feito para o bem de todos na terra

Obrigado senhor por nos mostrar que na natureza

Podemos nos encontrar em meio ao universo

E que este encontro possa ser eterno

Para cada admirador da natureza, do belo, do absoluto

Da paz dos campos, do homem envolto em si

Natural.

PRECE A DEUS

Meu Deus, meu Deus

Daí-me sabedoria para compreender o mundo

Daí-me paciência para refletir com os homens

Daí-me tempo para conhecer teus ensinamentos

E coragem para levá-los para quem necessita de ti

Cuidai senhor

Que os meus perseguidores se afastem de mim

Que os meus vingadores não me encontrem

Que aqueles que de uma forma ou de outra

Desejam o meu mal, possam perdoar a si mesmos por seus atos

Abençoe santo Deus

A todas as pessoas deste imenso universo

Que mais do que um copo d'água e um pedaço de pão precisam de paz

Guardai a todos senhor na tua misericórdia

Com bênçãos e louvores de amor eterno.

Amém.



SOBRE O AUTOR

Leandro Rodrigues Guedes é estudante de Letras na Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG) e escreve poesias desde 2014 à moda “antiga”: no papel, a lápis ou à caneta.

Apaixonado pelas letras, ele é admirador de grandes autores, tais como o austríaco Georg Trakl, o argelino Albert Camus, o francês Arthur Rimbaud, o moçambicano Mia Couto e o português Guerra Junqueiro. Entre os brasileiros, Leandro aprecia os trabalhos de Carlos Drummond de Andrade, João Guimarães Rosa, Catullo da Paixão Cearense, Adélia Prado e Manoel de Barros. Outro português que o inspirou não apenas com as poesias, mas também com seus heterônimos (Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Bernardo Soares, Álvaro de Campos), foi Fernando Pessoa. Nico Matense e Alexandre Soares são os heterônimos criados por Leandro para seu primeiro livro de poesias.

Nico Matense é mais reflexivo, mais filosófico, amante da natureza e das coisas boas da vida; é passivo, compreensível e reflete um pouco o que a natureza tem a oferecer aos seres humanos, contrariando a revolta que muitos possuem sobre o mundo. Já Alexandre Soares é um pouco revoltado com o trabalho árduo dos seres humanos em busca de quase nada, revoltado com o que o mundo tem feito às pessoas e, acima de tudo, revoltado consigo mesmo, por não entender mais as pessoas e sua própria vivência aqui na terra.

